

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NO SERTÃO ALAGOANO

Noélia Rodrigues dos Santos

Resumo: Muitas crianças que frequentam nossas escolas possuem dificuldades de aprendizagem e os professores convivem com elas cotidianamente. Dessa forma, este estudo teve como objetivo compreender a perspectiva dos professores do ensino fundamental acerca das dificuldades de aprendizagem. Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, que contou com a participação de 34 professores, que atuam do 3º ao 9º ano do ensino fundamental da rede pública de municípios da mesorregião do sertão alagoano. Foi utilizado um questionário como instrumentos de coleta de dados e as respostas dadas pelos professores para definir as dificuldades de aprendizagem nos permitiu o agrupamento em três eixos para análise: definição centrada no aluno, definição centrada no aluno e na família e definição centrada na escola. A maior parte das definições, 89%, fizeram referência a fatores relacionados aos alunos e a família para definir as dificuldades de aprendizagem e outros 11% fizeram referência a fatores ligados à escola.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Educação Inclusiva. Desenvolvimento infantil.

Introdução

Reconhecemos que a escola tem importante papel na vida de nossas crianças e adolescentes. A partir do momento em que a criança entra na escola, cria-se uma expectativa sobre seu desempenho nesse novo ambiente. Mas o que acontece quando o estudante não demonstra um desempenho satisfatório?

Em muitos casos, esses estudantes acabam por engrossar os números do fracasso escolar em nossas escolas. Sendo assim, um dos grandes desafios relacionados às escolas se refere aos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Apesar das dificuldades de aprendizagem fazerem parte do contexto escolar, seu campo de estudo se delimitou apenas a partir de 1963. Nesse ano, nos estados Unidos, um grupo de pais reuniu-se, pois, estavam preocupados com os filhos que sem razão aparente não aprendiam a ler. Nesse encontro, estavam presentes profissionais de diferentes áreas –

médicos, neurologistas, psicólogos – para que explicassem e encaminhassem uma solução para a dificuldade de aprendizagem dos seus filhos. Nessa época, não havia atendimento para esses estudantes. A chamada educação especial estava voltada para crianças com atraso mental, deficiência visual, motora, auditiva ou múltipla. Sendo assim, o psicólogo Samuel Kirk propôs o termo *Dificuldades de Aprendizagem*, que poderiam ser definidas como inexplicáveis obstáculos observados na aprendizagem da leitura e cujas causas estariam no ambiente familiar ou educativo (SISTO, 2007). A partir daí, os estudos das dificuldades de aprendizagem se ampliaram e ganharam importância.

Em nosso país, apesar da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) prever que alunos com transtornos funcionais como dislexia, disortografia, disgrafia, discalculia, transtorno de atenção e hiperatividade, entre outros, serão atendidos pela educação especial. Mesmo assim, ainda assistimos alunos sem o devido atendimento. Ou seja, mesmo com a proposta de educação inclusiva no Brasil, as dificuldades de aprendizagem não são consideradas.

E nossos professores? Como percebem o aluno que não aprende? Para responder a esse questionamento, esse estudo visa compreender a perspectiva dos professores do ensino fundamental acerca das dificuldades de aprendizagem.

1 Concepções e causas das dificuldades de aprendizagem

Boruchovitch (2007) esclarece que os estudiosos não são consistentes quanto a definição das dificuldades de aprendizagem e ressalta a controvérsia desse conceito. Esclarece que dentro da categoria de aprendizagem temos crianças com:

Problemas de comportamento, problemas emocionais, problemas de comunicação (distúrbios da fala e da linguagem), problemas físicos, de visão e de audição, e, por fim, problemas múltiplos (presença simultânea de mais de uma dos problemas anteriormente mencionados) (BORUCHOVITCH, 2007, p. 41).

A autora enfatiza, ainda, que não há consenso sobre as possíveis causas para as dificuldades de aprendizagem. Há quem acredite que as dificuldades de aprendizagem são causadas por problemas cerebrais ou neurológicos ou por distúrbios de natureza bioquímicos como déficits vitamínicos. Também podem estar associadas a fatores decorrentes da interação da qualidade da instrução e as características emocionais e motivacionais dos alunos.

A área de estudo das dificuldades de aprendizagem, talvez por ser muito jovem, ao mesmo tempo em que cresce, gera controvérsias e se apresenta como “a mais confusa de todas aquelas que se inserem no espectro das necessidades educativas especiais” (CORREIA, 2007, p. 156).

O autor nos explica ainda, que além dos pais de alunos, vários profissionais têm mostrado interesse em compreender as dificuldades de aprendizagem – educadores, psicólogos, médicos, nutricionista, entre outros. A dedicação dos estudiosos a temática gerou um conjunto de teorias para explicar as dificuldades de aprendizagem, e junto com elas apareceram inúmeros termos para defini-las, como por exemplo, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, hiperatividade, dificuldades perceptivas, dificuldades de linguagem, dislexia, distúrbios de aprendizagem psiconeurológicas. Hoje, o termo dificuldade de aprendizagem acabou por ser aceito por investigadores e pais, dando relevância ao componente educacional em detrimento do componente clínico.

Para Sisto (2007, p. 33) as dificuldades de aprendizagem representam um grupo variado de transtornos, “manifestando-se por meio de atrasos ou dificuldades em leitura, escrita, soletração e cálculo, em pessoas com inteligência potencialmente normal ou superior e sem deficiências visuais, auditivas, motoras, ou desvantagens culturais”. Geralmente, não ocorre em todas essas áreas de uma só vez e pode estar relacionadas a problemas de comunicação, atenção, memória, raciocínio, coordenação, adaptação social e/ou problemas emocionais.

Smith e Strick (2012, p. 14) definem as dificuldades de aprendizagem como “problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar ou comunicar informações.” Elas estariam associadas a fatores biológicos, como por exemplo, lesão cerebral, erros no desenvolvimento cerebral, desequilíbrios neuroquímicos e hereditariedade. E também podem estar relacionadas ao ambiente doméstico e ao ambiente escolar.

Oliveira (2007) nos explica que muitas crianças chegam à escola com ritmos de aprendizagem bem diferentes. Alguns alunos possuem atraso no desenvolvimento de suas funções neuropsicológicas em razão de um atraso em sua maturação. Outras crianças apresentam comportamentos inadequados, que podem ser em virtude de problemas sociais e familiares.

São muitas definições e muitos fatores associados. O tema gera controvérsia e nos faz pensar como nossas estudantes se revelam complexos. Mas temos uma certeza, as instituições

escolares abriram suas portas e “as crianças conquistaram o direito de entrar pelos portões da escola, mas ainda não conseguiram, apesar de toda sua resistência, de sua teimosia em querer aprender, derrotar o caráter excludente da escola brasileira” (MOYSES; COLLARES, 2011, p. 27). Sendo assim, as escolas devem estar preparadas para receber uma diversidade de alunos e compreendê-los em suas necessidades. Para que a frase acima citada não mais reflita a realidade de nosso sistema educacional.

3 Material e método

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, uma vez que pretendemos compreender a perspectiva dos profissionais a partir de sua prática no ambiente escolar. Para Gil (1999, p. 43) “este tipo de estudo visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores”.

Participaram deste estudo 34 professores, que atuam do 3º ao 9º ano do ensino fundamental na rede pública de municípios da mesorregião do sertão alagoano. A idade dos docentes varia entre 20 a 50 anos de idade. Temos 88% dos participantes do sexo feminino e 12% do sexo masculino. A coleta de dados ocorreu em novembro de 2014 e os docentes se submeteram a aplicação de um questionário. Os professores receberam números ordinais de 1 a 34 para preservar suas identidades.

4 Análise e resultados

Todos os professores que fizeram parte da pesquisa acreditam ter em suas turmas estudantes com dificuldades de aprendizagem e 62% afirmaram que a instituição onde trabalham não oferece nenhum tipo de suporte aos estudantes e demais, 38%, afirmaram que há suporte nas escolas para os estudantes.

As respostas dados pelos professores para definir as dificuldades de aprendizagem nos permitiu o agrupamento em três eixos para análise: definição centrada no aluno, definição centrada no aluno e na família e definição centrada na escola. Vejamos cada eixo.

4.1 Definição Centrada no Aluno

A maior parte dos professores, 74,5% definiu as dificuldades de aprendizagem fazendo referência às características dos estudantes, ou seja, percebem as crianças ou adolescentes como indivíduos que possuem dificuldades no comportamento geral.

A definição pode estar relacionada às falhas no desenvolvimento cerebral, como podemos perceber na definição dada abaixo.

“São complicações trazidas nas formações neurais e psicológicas.” (Professora 3).

Durante anos acreditou-se que a maioria das crianças com dificuldades de aprendizagem teriam alguma espécie de dano cerebral. Atualmente, se reconhece que a maioria das estudantes com dificuldades não têm uma história de lesão cerebral. Smith e Strick (2012, p. 22) ressaltam que “mesmo quando tem, nem sempre é garantido que esta seja a fonte de suas dificuldades escolares”. Mas, também enfatizam que traumas cranianos, hemorragias cerebrais, tumores, febre alta e doenças como encefalite e meningite, além da desnutrição e exposição a substâncias químicas tóxicas causa dano no cérebro, levando a problemas de aprendizagem.

Outras definições enfatizaram o ritmo diferenciado do estudante com dificuldades de aprendizagem, com referência à lentidão em relação aos demais. Vejamos o que dizem os professores:

“Qualquer distúrbio que o aluno apresente que o impossibilite de acompanhar as atividades realizadas pelos demais.” (Professora 2)

“Um distúrbio na aprendizagem que a criança/aluno não acompanha o ritmo dos demais.” (Professora 10)

“Dificuldades no acompanhamento do ritmo de aprendizagem da turma.” (Professor 33)

“O aluno no qual se esforça para aprender, mas não conseguem acompanhar os demais alunos da mesma turma.” (Professora 13)

A ênfase no ritmo dos alunos nos remete às considerações de Martin e Marchesi (1996 apud BORUCHOVITCH, 2007, p. 40) quando explicam que as “dificuldades de aprendizagem implicariam em qualquer dificuldade observável vivenciada pelo aluno para acompanhar o ritmo de aprendizagem de seus colegas da mesma idade”.

Um grande problema que temos quando pensamos a afirmação acima é sobre o estigma que se cria em torno do aluno que possui dificuldades de aprendizagem. Para Carvalho (2012, p. 93) os alunos com dificuldades

Acabam ficando à margem do processo, pois seus resultados diferem, às vezes substancialmente, dos alcançados por seus pares. Costumam ser percebidos na comunidade escolar como alunos que têm ‘limitações funcionais’ [...] e, por não apresentarem os resultados considerados como desejáveis, são relegados a espaços segregados e segregadores, não só em classes e escolas especiais, como no interior das próprias salas do ensino comum.

Outros professores fazem referência a obstáculos que os estudantes possuem e que os impedem de aprender. Vejamos as definições:

“Quando o aluno mesmo querendo aprender tem dificuldades.” (Professora 07)

“Dificuldades de aprendizagem são os obstáculos manifestados quando é preciso aprender algo.” (Professora 22)

“É quando o aluno mesmo tendo tudo a seu favor, não consegue desenvolver ou aprender aquilo proposto pelo professor.” (Professora 24)

Os estudantes que tem dificuldades de aprendizagem constituem “uma variedade de crianças com problemas de diferentes espécies e que apenas têm em comum a dificuldade de aprendizagem nas condições normais de sala de aula, sem que se evidencie a razão identificável dessa dificuldade” (ROSS, 1979, p. 13). Complementando a definição, Oliveira (1998) afirma que as crianças com dificuldades de aprendizagem possuem um “obstáculo invisível” que as impede de aprender leitura, escrita ou cálculo.

Outros professores definem as dificuldades de aprendizagem relacionando-as à falta de interesse e de concentração para os estudos por parte dos estudantes. Vejamos:

“Falta de atenção e alunos dispersos.” (Professora 09)

“Como uma apatia, os alunos não se sentem interessados em aprender.” (Professora 21)

“Falta de interesse dos alunos, para se aprender. Precisa de concentração.” (Professora 28)

“Desatenção em todo tipo de aula.” (Professora 26)

As definições dadas pelos professores nos faz pensar sobre a relação entre dificuldades de aprendizagem e problemas motivacionais proposta por Boruchovitch (2007). A autora faz a seguinte consideração:

Alunos motivados, em geral, são marcados pelo interesse de busca, pelo esforço, pela persistência e pelo engajamento em atividades acadêmicas. Em contraste, estudantes desmotivados não se esforçam intencionalmente, resistem em procurar ajuda e desistem facilmente de desafios e dificuldades (BORUCHOVITCH, 2007, p. 49).

4.2 Definição centrada no aluno e na família

Dos professores, 14,5% definiram as dificuldades de aprendizagem enfatizando o papel da família. Vejamos as falas dos entrevistados:

*“Déficit de atenção. Falta de interesse. Falta de acompanhamento familiar.”
(Professor 05)*

“Quando os alunos tem falta de atenção, ou não tem apoio da família, ou quando tem algum problema familiar ou psicológico, chegando na escola eles sentem muita dificuldades em relação à aprendizagem.” (Professora 08)

“Alunos que não assimilam os conteúdos, não realizam as atividades propostas, não participam e nem interagem com a turma, os motivos são baixa frequência, falta de ajuda dos pais ou responsáveis.” (Professora 19)

“A falta de compromisso de um todo, aluno e família.” (Professora 27)

A ênfase dada pelos professores ao ambiente familiar foi encontrado também nos estudos de Oliveira et al (2012). Nesse estudo foram entrevistados 16 professores das séries iniciais do ensino fundamental e os relatos indicaram um posicionamento que centra na família do estudante a responsabilidade pelas dificuldades da escola.

O ambiente familiar exerce um importante papel em determinar se uma criança aprende bem ou mal. Crianças que receberam carinhos durante a vida, tende a ter mais atitudes positivas sobre sua aprendizagem e sobre si mesmo. Por outro lado, crianças que sofreram privação nos primeiros anos de vida, são mais lentas na aquisição de habilidades cognitivas básicas. Revelam-se pouco curiosas e pouco interessadas em aprender (SMITH; STRICK, 2012).

4.3 Definição centrada na escola

Dos participantes, 11% fizeram definição das dificuldades de aprendizagem relacionando-as a fatores inerentes ao contexto escolar.

“Na maioria os alunos são alheios aos conteúdos abordados, às explicações, não participam. Foram passando de ano sem que os responsáveis pela aprendizagem levassem em consideração a qualidade da aprendizagem e sim a quantidade de alunos que estariam em sala de aula no ano vindouro.” (Professora 01)

“Eles (alunos) não conseguem acompanhar os outros. As letras são ilegíveis. Não acompanham porque não foram alfabetizados devidamente.” (Professora 12)

“Acredito que a falta de capacitação dos professores muitas vezes atrapalha a aprendizagem. Porém, a grande dificuldade de aprendizagem é não ter materiais para se trabalhar de forma correta.” (Professora 32)

“Hoje as escolas em si, preocupa-se com o índice de aprovação e não de aprendizado, deixando assim a desejar no vínculo educativo definindo assim a maioria das dificuldades em sala de aula.” (Professora 34)

Ao abrir as portas e receber alunos, concordamos com Stainback e Stainback (1999, p. 69) ao afirmar que “as boas escolas são boas escolas para todos os alunos”, ou seja, deve buscar atender às diferentes necessidades dos alunos. Martinelli (2007) ressalta que em nossas escolas é cada vez mais comum encontrarmos crianças que, em algum momento de sua escolarização, apresentam dificuldades. Isso nos faz pensar no processo de ensino em suas múltiplas facetas. Dessa forma, a escola se ver diante de um desafio, em que deve:

Propiciar um ambiente favorável à aprendizagem em que sejam trabalhados a auto-esima, a confiança, o respeito mútuo, a valorização do aluno, sem contudo esquecermos da importância de um ambiente desafiador, mas que mantenha um nível aceitável de tensões e cobranças, são algumas situações que devem ser pensadas e avaliadas pelos educadores na condução de seu trabalho (MARTINELLI, 2007, p. 116).

Assim, estar lançado o desafio para a escola, que deve pensar e reorganizar seu trabalho pedagógico para melhor atender a diversidade de alunos que cruzaram suas portas.

Conclusão

As crianças que possuem dificuldades de aprendizagem representam um número significativo de estudantes em nossas escolas. Muitos não contam com nenhum tipo de suporte e em muitos casos, nem mesmo são compreendidos.

Nesse estudo, nos propomos a compreender a perspectiva dos professores do ensino fundamental acerca das dificuldades de aprendizagem e os resultados obtidos demonstram a variedades de concepções para explicar as dificuldades de aprendizagem.

O que nos chama atenção é que a grande parte dos professores, 89%, explicam as dificuldades de aprendizagem mediante fatores centrados nos alunos e na família. Em que se enfatizam os problemas neurológicas, o ritmo do aluno, os obstáculos invisíveis e falta de interesse. Além disso, ressaltaram a falta de apoio familiar aos estudantes. Ou seja, permanece atual a ideia de centrar no aluno e em sua família a responsabilidade pelo não aprendizado das crianças. Não podemos esquecer que a implicação é significativa para o estudante que fracassa na escola, que se sente diferente dos demais, que se esforça e não aprende. Por sua vez, muitos pais se deparam diante de um problema que não conseguem compreender.

Apenas 11% dos professores relacionaram as dificuldades de aprendizagem a problemas relacionados ao contexto escolar. A reflexão precisa ser feita acerca da escola que preza pela homogeneidade, que não discute a diferença, que não pensa a diversidade.

Referências

BORUCHOVITCH, E. Dificuldades de aprendizagem, problemas motivacionais e estratégias de aprendizagem. In: SISTO et al (orgs). **Dificuldades de Aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 40-59.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008). Ministério da Educação. Brasília, 2008.

CARVALHO, S. E. **Escola inclusiva**: a reorganização do trabalho pedagógico. 5 ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.

CORREIA, Luís de Miranda. Para uma definição portuguesa de dificuldades de aprendizagem específicas. **Revista Brasileira de Educação Especial** [online]. 2007, vol.13, n.2, p. 155-172. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v13n2/a02v13n2.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015

GIL, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINELLI, S. C. Os aspectos afetivos das dificuldades de aprendizagem. In: SISTO et al (orgs). **Dificuldades de Aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 99-121.

MOYSÉS. M. A. A.; COLLARES, C. A. L. Revendo questões sobre a produção e a medicalização do fracasso escolar. In: VICTOR, S. L.; DRAGO, R.; CHICON, J. F. **Educação especial e educação inclusiva: conhecimentos, experiências e formação**. Araraquara/SP: Junqueira e Marin, 2011, p. 21- 41.

OLIVEIRA, G. C. Dificuldades subjacentes ao não-aprender. In: SISTO et al (orgs). **Dificuldades de Aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 79-95.

_____. **Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

OLIVEIRA, J. et al. Concepções de professores sobre a temática das chamadas dificuldades de aprendizagem. Revista Brasileira de Educação Especial. Marília, v.18, n.1, p. 93-112, Jan.-Mar., 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v18n1/a07v18n1.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

ROSS, A. O. Aspectos Psicológicos dos Distúrbios da Aprendizagem e Dificuldades na Leitura. São Paulo: McGRAW HILL, 1979.

SISTO, F.F. Dificuldades de aprendizagem. In: SISTO et al (orgs). **Dificuldades de Aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 19-39.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A-Z: guia completo para educadores e pais**. Porto Alegre: Penso, 2012.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999.